



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.35653>

A ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO ESPAÇO DE SUBVERSÃO AO RACISMO: COMO A PSICOLOGIA PODE CONTRIBUIR?

THE COLLECTORS ASSOCIATION OF RECYCLABLE MATERIALS AS A SPACE FOR SUBVERSION TO RACISM: HOW CAN PSYCHOLOGY CONTRIBUTE?

Jhienifer Virginio Barbosa (Universidade Vila Velha - UVV), **Cleilson Teobaldo dos Reis** (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES)

RESUMO: Este trabalho refere-se a um relato de experiência oportunizada na Associação Vila Velhense de Coletores e Coletoras de Materiais Recicláveis (REVIVE). Em um mercado de trabalho que produz a exclusão, predominantemente a povos negros, tradicionalmente surgiram trabalhos informais, como inicialmente era o dos catadores de materiais recicláveis. Para lidar com esse mercado, foram organizadas associações e cooperativas com gestão própria dos catadores, como é o caso da REVIVE. A partir de intervenções produzidas durante a realização de oficinas vivenciais com o grupo de associados e diálogos em outros espaços da associação, foram produzidas as reflexões aqui expostas. De todas as possibilidades de construção do relato, priorizou-se a própria condição da cor de pele que pareceu influenciar em algumas das questões que surgem dentro e fora dos muros da associação. Questão essa que, ainda é vista como recorte quando mais da metade da população brasileira é negra, bem como, mais da metade dos catadores de reciclados também, segundo alguns estudos. É percebido, deste modo, a REVIVE como um espaço potente para lidar com essa realidade, para ressignificarem a experiência de serem colocados à margem. E coube à atuação neste espaço contribuir na produção de brechas que permitiram a passagem de intensidades, considerando uma atuação que visa transformar essa condição de minoridade em potência minoritária, subverter a lógica do encarceramento do devir.

Palavras-chave: Relações Étnico-raciais; associação de reciclados; relato de experiência.

ABSTRACT: This article refers to a report based on an opportunity lived at the Associação Vila Velhense de Coletores e Coletoras de Materiais Recicláveis (REVIVE), which is a collection and recycling association. In a labor Market, historic, has ended in exclusion, predominantly the racist one, some informal jobs and positions have emerged, such as the REVIVE. To deal with this kind of market, organizations and cooperatives were formed with the management of the collectors themselves, such as REVIVE. From interventions made during workshops with the group of associates and dialogues in other places at the association, reflections, here exposed, were produced. Of all the possibilities of this report construction, the condition of skin color, almost exclusively, influenced some of the issues that arise inside and outside the association's walls. This condition is still seen as an important feature, since we consider the fact that more than half of the Brazilian population and more than half of the waste collectors are formed by black people, according to some studies. In this way, REVIVE is considered a potential space to deal with this reality, to resignify the experience of being put aside the society. Working at this place has contributed towards the production of gaps, which have permitted the movement of intensities, considering the actions that aim to transform this condition of minority into minority power, subverting the logic of incarceration of becoming.

Keywords: Ethnic-racial relations; recycled association; experience report.

“Na verdade, a mão escrava passava a vida limpando o que o branco sujava (...) mesmo depois de abolida a escravidão, negra é a mão de quem faz a limpeza.” Gilberto Gil - A Mão da Limpeza (1984).

A crítica de Gilberto Gil através dessa música, serve como disparador para a construção da reflexão provocada por esse relato. A mão da limpeza é a mão do negro, este posto em nossa sociedade em uma posição hierárquica subalterna aos brancos há séculos, sendo explorado enquanto escravo e a posteriori seus descendentes, que em maioria hoje ocupa um lugar nas classes mais desfavorecidas (LIMA, 2017). A mão que limpa o consumo exacerbado, consumo que produz lixo e faz seu descarte sem consciência. Que suja, por sujar; fazendo uma analogia ao que Jessé de Souza traz em *A elite do atraso* (2017), ao considerar o sempre querer mais do modo de produção capitalista.

Para lidar com um mercado de trabalho que exclui e impõe aos povos minoritários sobreviver à margem da sociedade, tradicionalmente surgiram os trabalhos informais, como inicialmente era o dos catadores de materiais recicláveis. A profissão de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis passou a ser reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) em 2002, como aqueles que “catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.” (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2014). Sendo estes, profissionais organizados de modo autônomo ou em associações e cooperativas com gestão própria dos catadores.

O relato aqui desenvolvido discorre como parte de uma

construção reflexiva daquilo que foi vivenciado no contexto da Associação Vila Velhense de Coletores e Coletoras de Materiais Recicláveis (REVIVE), enquanto experiência de estágio de uma graduanda de Psicologia; em um lugar que possibilitou análises acerca do nosso modo de produção de subjetividade, sobretudo, através da lógica de produção capitalista, que captura e engendra modos de fazer e existir. Foi possível ainda analisar como os sujeitos produzem a si próprios por meio de suas relações com o outro em seu cotidiano, atravessados pela vivência da própria negritude.

O lugar do negro na sociedade contemporânea

Na literatura brasileira, algumas obras registram como o negro é visto em nossa sociedade, provocando uma consideração sobre esse lugar de direito, que insistentemente e tradicionalmente lhe é negado. Tal como Policarpo Quaresma e Macunaíma, que já questionavam suas raízes brasileiras. Enquanto o primeiro dedicava-se à tarefa de permear em diversas regiões do país, a fim de ter um encontro com sua cultura, o segundo sai da selva amazônica e cresce à luz das influências do capital. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (BARRETO, 1995), verifica-se que os personagens negros são postos em posições subalternas em relação aos personagens brancos, evidenciando um aspecto comum da sociedade na época retratada na obra (início do século XX) e ainda, como bem aponta Silva (2009), “não apresenta nenhum tipo de relevância, seja social, econômica, cultural e, em alguns casos, moral” (p. 59), sendo colocados em uma condição de inferioridade. Em

Macunaíma – o herói sem nenhum caráter (ANDRADE, 1980), o anti-herói assume uma diversidade de hábitos, costumes, etnias, religiosidades e demais elementos da cultura brasileira, que, em determinado momento entra em contato com Sumé, “a marca da civilização”, e tem suas características étnicas e culturais de origens “lavadas”, tornando-se branco – o milagre da civilização europeia branca e detentora da verdade com suas práticas colonizadoras (ARAÚJO, ARAÚJO & NEVES, 2010).

Assim, a literatura legitima a percepção de que a colonização é um fato que marca a história dos sujeitos brasileiros, principalmente, os sujeitos negros. Àqueles que, em algum momento na trajetória de sua história, foram colocados numa posição de inferioridade por sua cor de pele, o que impossibilitou o acesso a diferentes lugares sociais, que estavam restritos a população branca. Sujeitos dizimados por tão somente fazer o papel de “r(existir)”.

Hur (2018), ao tratar sobre o diagrama de captura/soberania, traz a reflexão de que uma determinada população subjugada, diante da imposição de um Império, deve abrir mão de tudo aquilo que a constitui, como a sua cultura, crença, moeda, e é obrigada a “partilhar os códigos instituídos dos dominadores” (p. 73), com o corpo entregue aos novos conquistadores, escravizado para o trabalho ou violações corporais constantes. E assim, ainda segundo o autor, a história demonstra que os códigos raciais vieram marcar essa opressão entre as raças e os povos; e certamente produzir uma série de configurações que alimentaram o domínio sobre os corpos colonizados, algo pouco questionável a época.

O cenário político brasileiro atual traz um grande alerta a essas considerações, uma vez que podem perder a devida atenção, devido a crença no mito da democracia racial, ratificada pelo viés conservador que vem sendo proferido nesse tocante, inviabilizando investimentos nas políticas destinadas à população negra. Gilberto Freyre foi quem sistematizou tal conceito – mesmo que sem citá-lo explicitamente – em Casa-Grande & Senzala (1933) dando-lhe um status científico, ao propor uma ótica de que negros e não-negros coabitam em harmonia, algo que atravessa um perigoso discurso. Hasenbalg (1996) considera que o mito racial brasileiro e latino-americano incitam que grupos dominantes sustentem o racismo “como um conflito que permanece em estado apenas latente, sem que ele irrompa na esfera pública do debate político” (p. 238), o que vem a inviabilizar o reconhecimento dos negros diante das questões relacionadas aos direitos humanos e avançar politicamente neste sentido. Carneiro (2011) nos atenta justamente a isso quando revela que o conservadorismo ensaia “reestabelecer velhos mitos que nos levaram à situação atual” (p. 80), dando a estes o nome de ‘neogilbertofreyreanos’, uma evidente crítica a essas produções que negam a existência do racismo para imperar essa dominação aos corpos negros.

Para contestar essa ótica que o mito propõe, basta avaliar como essas marcas atravessam até hoje a estrutura de nossa sociedade, expresso, por exemplo, em dados estatísticos tratados em diferentes estudos, mostrando que a população negra está à deriva – ainda que mais da metade da população brasileira (54%) seja negra (Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística [IBGE], 2016a). Segundo o Mapa da Violência (WASELFSZ, 2016), entre 2003 e 2014 morreram 2,6 vezes mais negros que brancos vitimados pela arma de fogo, sendo que em 2003 esse dado já era alto, visto que morriam, proporcionalmente, 71,7% mais negros que brancos. Estima-se um dado crescente ao longo dos anos, tendo como hipótese pelo autor além da herança colonial e escravocrata, outras questões como os recursos públicos destinados apenas para regiões de predominância da população branca devido a maior benefício para os jogos políticos-eleitorais. Alinhado a esses dados de violência letal, uma pesquisa mais recente apresentada no Atlas da Violência 2019 (CERQUEIRA et al., 2019), aponta que para cada não negro vítima de homicídio em 2017, proporcionalmente 2,7 negros sofreram homicídio; demonstrando ainda um aumento de 33,1% na taxa de negros mortos por homicídio no período de 2007 a 2017 em contraponto aos indivíduos não negros que teve crescimento de 3,3%, o que demonstra que negros continuam morrendo todos os anos e pouco se efetiva a redução dessas mortes.

Não obstante, outros dados podem interessar para essa análise. Por exemplo, ao se tratar de escolarização, a taxa de analfabetismo segundo o PNAD Contínua, entre população pardo e preta é de 9,1%, enquanto entre brancos é de 3,9%, uma diferença de 5,2 p.p (IBGE, 2018a); já o acesso ao ensino superior é maior para brancos com mais de 25 anos (22,2%) do que para pretos e pardos (8,8%), segundo o PNAD Contínua (IBGE, 2016b). No que se refere a inserção no mercado de trabalho, dados do Ministério do

Trabalho e Emprego apontam que, no ano de 2016, os negros ocupavam 45,2% das vagas para ensino fundamental e apenas 27% dos empregos que exigiam ensino superior no Brasil (GOMES, 2018). Em se tratando de renda, entre os 10% mais pobres, 78,5% são negros, e entre os 10% mais ricos 72,9% são brancos (IBGE, 2016a); assim como, ganham em média R\$ 1,2 mil a menos do que os brancos, segundo pesquisa do PNAD (IBGE, 2018b). Em relação às suas condições de vida, pretos e pardos se encontram 73,5% mais expostos a viverem em condições precárias do que brancos (IBGE, 2016a).

É importante ressaltar esses dados estatísticos porque como Sueli Carneiro (2011, p. 54) pontua, são os resultados das pesquisas feitas que vêm dando um certo reconhecimento a falta de inserção social de negros no país. E para iniciar esse reconhecimento, deve-se levar em consideração a identidade negra diante do processo de exclusão, o qual é entendido como um “complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas” (SAWAIA, 1999a) que envolve o homem e suas relações, e é “produto do funcionamento do sistema” (p. 09). E em complemento a essa definição é importante ter em mente que ambos conceitos (identidade/exclusão) podem estar interligados uma vez que, para Sawaia (1999b), a identidade é um:

Conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes, bem como ao processo de inserção social nas relações internacionais. O clamor pela identidade, quer para negá-la, reforçá-la ou construí-la, é parte

do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação dos direitos e pela afirmação de privilégios (p. 124).

Ciampa (1984) traz relevantes considerações sobre a identidade, para ele, “identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose.” (p. 74), movimento de transformação que dá possibilidades para o processo emancipatório do sujeito, um constante devir. Identidade esta que, para o autor, se dá através das relações, sendo considerado o contexto histórico, social e a própria história do sujeito, incluindo-se os diversos grupos sociais que perpassam durante toda a vida do indivíduo. E é por meio destas relações que também sujeitos negros vivenciam seu processo identitário, entendido por Nilma Gomes (2002) como:

Uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (p. 39).

Para Ciampa (1984) a primeira noção de identidade parte da diferenciação, uma vez que “vamos nos diferenciando e igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte” (p. 63), o que vai ao encontro com o que é considerado por Gomes na citação acima. Deste modo, é a partir dessa diferenciação que também se produz a dialética

inclusão/exclusão. E essas exclusões, para o negro, coloca-o muitas vezes em uma posição de negar sua própria identidade uma vez que esta é posta diferente daquela que assume uma posição de poder na sociedade. Wade Nobles (2009) responsabiliza, ainda, o governo brasileiro que em sua história buscou “promover a miscigenação racial com o propósito de “branquear” seus cidadãos ao mesmo tempo que proibia a imigração negra e estimulava a imigração branca” (p. 285), o que em sua opinião dificultou a formação de uma identidade negra.

Ao se considerar essa dialética de inclusão/exclusão, é importante ter em análise as forças políticas que operam a vida, sendo o racismo componente de um sistema em que a morte de alguns corpos beneficia a sobrevivência de outros (FOUCAULT, 1999) e a medida em que se regula a distribuição de morte por meio do racismo, torna-se possível “as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2016, p. 128). Morte e exclusão se estruturam em nossa sociedade ao longo das décadas sendo pertencentes às dinâmicas de necropoder (MBEMBE, 2016) em que se coloca a determinado povo uma política de morte. “Na ansiedade de afastar a diferença inquietante, o poder vira espelho e os microfascismos se multiplicam e se disseminam no cotidiano” (ZAMORA, 2008, p. 111).

Rolnik (1997), por sua vez, traz uma discussão fundamental para o conceito de identidade, esta que se apresenta em dois pólos: enquanto em um pode ser vista como potencializador para um sujeito a fim de confrontar esse poder imposto sobre seu corpo e ser uma ferramenta eficaz para garantia de direitos como bem colocado por Sawaia na citação acima, noutro pólo, deve-se se atentar o olhar para a subjetividade, uma vez

que esses discursos identitários podem operar como capturas e estratificações de modos de existência - cristalizamos naquilo que é produzido enquanto verdade sobre nós “acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado” (p. 02), marca da nossa produção capitalista.

Parte da razão disto é que “é condição para as sociedades capitalísticas se manterem, que elas sejam calcadas em uma certa axiomática de segregação subjetiva. Se os negros não existissem, seria preciso inventá-los de alguma maneira.” (GUATTARI & ROLNIK, 1986, P. 77), ou seja, essa relação desigual e excludente nos lugares de direito ao negro é alimento para essa sociedade que se constrói, uma vez que essa desigualdade socioeconômica e o racismo andam lado a lado (GOMES, 2002).

Defronte de uma sociedade que impõe ao negro um lugar à margem e pouco se faz em relação às políticas públicas, herança de uma desqualificação do negro a partir da colonização que impactou o modo do negro acessar o mercado de trabalho (IANNI, 1972), não é incomum que estes ocupem profissões de menor notoriedade econômica, uma vez que o racismo “contribuiu para a construção de uma trajetória do negro no desemprego, na informalidade e na precarização das relações de trabalho” (MARTINS, 2014, p. 117) e essa relação com o modo de produção capitalista vigente e os corpos negros não está no passado: como bem demonstra Chadarevian (2011, p. 302) em seu estudo, “tanto a hierarquização racial, quanto a desigualdade racial de rendimentos, pioraram nos últimos vinte anos no

Brasil, período que corresponde à aceleração das políticas econômicas de cunho liberal” que não se aderem à realidade da maioria dos negros.

Para lidar então com esse cenário, é lançado mão de alguns dispositivos para que se possa subverter essa lógica de produção capitalista que historicamente dominou uma raça colonizada por meio de trabalho não remunerado (QUIJANO, 2005) e marca os moldes da sociedade ainda hoje. Para Vasconcelos (2003), o movimento cooperativo se delineia como um dispositivo concreto contestador aos moldes de produção capitalista, estando essas cooperativas “como um veículo importante para grupos sociais marginalizados e desvantajados para se reunirem em ajuda mútua para melhorarem sua situação” (SZELL, 1992, apud VASCONCELOS, 2003, p. 72).

O espaço que REVIVE

A coleta e o processamento de materiais recicláveis têm se constituído em atividade cada vez mais frequente nos últimos anos. E, por conseguinte, tem também se apresentado como fonte de renda e oportunidade de trabalho e organização de trabalhadores e trabalhadoras, principalmente sob a forma de movimento cooperativo. Os catadores de reciclados enquanto trabalhadores individuais, encontram um cenário de fragilidade diante daqueles que são considerados intermediários comerciais (atravessadores) e as indústrias, que estipulam um valor e condição para aquilo que é produzido pelo catador, estes passaram a se engajar nas propostas de geração de renda, tal como os empreendimentos coletivos (cooperativas e associações) que

vieram para fortalecer esse trabalhador (MAGALHÃES, 2016). Vale reforçar que esse fortalecimento ainda tem suas fragilidades, visto que os trabalhadores cooperados não são contemplados por legislações que normatizam seus direitos trabalhistas, sendo considerados sócios (FLOR, 2008, apud por STERCHILLE & BATISTA, 2011).

Um exemplo de associação de catadores de materiais recicláveis é a REVIVE, instalada no município de Vila Velha, e que subsidia as reflexões presentes neste relato. Os cerca de 30 associados que compõem o grupo se vêm chamados tanto como catadores, quanto como coletores, uma vez que ambos os termos possuem significados e atravessamentos diferentes para cada sujeito; ser catador é uma aposta de rebeldia ao estigma e invisibilidade, “ora por sua condição de rua, ora por sua atividade de catação e coleta de lixo” (LIMA, 2008, p. 03); enquanto ser coletor é diferir do trabalho que é realizado por aqueles que trabalham nas ruas recolhendo os materiais recicláveis.

Diferente do trabalho realizado nas ruas, em que os catadores vão até o material e realizam a triagem no próprio local onde o encontram, a REVIVE é uma associação que recebe dos munícipes o que é descartado, em tese, o resíduo reutilizável ou reciclável. Portanto, aquilo que é considerado como material reaproveitável, a própria população e a prefeitura (responsável pela maior parte do resíduo sólido que chega), através de caminhões de coleta seletiva, encaminham para a associação.

Metodologia

Esse relato de experiência se construiu através daquilo que foi

vivenciado a partir de uma inserção na associação de coletores REVIVE. O estágio aconteceu durante o ano de 2019, entre os meses de fevereiro e novembro, concentrando-se no campo durante 3 horas por semana, quase sempre às quartas feiras. As reflexões aqui expostas, partiram de intervenções produzidas durante a realização de oficinas vivenciais com o grupo de associados, discutindo temas de interesse do grupo. Tais temas foram emergindo a partir das conversas e trocas permitidas na medida em que aconteciam encontros com os associados, ao longo do dia de trabalho, nos intervalos e em diversos momentos da associação. Até o momento da produção deste estudo, foram realizadas 15 oficinas, que tinham como principal objetivo oferecer um espaço comum para a fala entre os associados e possibilitar a escuta, promovendo nos encontros atividades que incentivavam a cooperatividade, o diálogo e a provocação de novos modos de existir e de explorar recursos pessoais, suas potencialidades. As oficinas eram de participação voluntária, no entanto, o grupo escolheu parar o horário de trabalho algumas horas mais cedo para que pudessem participar dos encontros semanais – o que possibilitou a participação de quase todos os associados, senão todos, presentes no dia. Houve, ainda, oficinas de fotografia, em que os associados registraram as vivências de seu cotidiano, oficinas relacionadas a comunicação verbal e não verbal, filmagem de narrativas, oficina de relaxamento, jogos cooperativos a fim de provocar reflexões acerca das semelhanças e diferenças entre os associados e o impacto disso em sua rotina na associação, além de oportunizar discussões sobre a

autovalorização e fortalecimento de vínculos afetivos, etc.

As produções semanais foram registradas em relatórios semanais e discutidas por meio de supervisões divididas em horas teóricas como parte das exigências da disciplina de Estágio Supervisionado. A análise feita visou identificar a associação como um dispositivo potente para um lugar de afirmação e de aliança constitutiva da passagem para devires. Visando proteger o sigilo e o anonimato dos associados, as falas serão identificadas por nomes fictícios.

Estar no campo, vivenciar o cotidiano da REVIVE, constituiu-se de um intenso exercício cartográfico na medida em que o campo, os sujeitos, os ambientes, os acontecimentos se apresentaram como um complexo múltiplo disparador de análises que atravessam este trabalho. O cartografar, um princípio do rizoma que se coloca de modo acêntrico, passa a ser uma discussão diferente daquela tradicional em que regras são impostas anteriormente às vivências provocadas pelo campo. Aqui adota-se o atentar-se ao processo que se é construído, uma *hódos-metá*: onde o caminhar é anterior ao que se destina como ponto final (PASSOS & BENEVIDES, 2009). Apostou-se, então, em construir junto aos associados o processo da pesquisa/intervenção por meio de uma atenção aberta percebendo o “método” como uma construção que se deu ao longo desta pesquisa.

A fim de preservar a identidade dos associados, nesse estudo os nomes citados no diário de campo foram substituídos por nomes fictícios.

Resultados e discussões

Em uma rua sem saída e sem asfalto se dá o território geográfico em

que a associação de reciclagem está localizada, cercada por um pólo empresarial, distanciando-se das moradias e do conhecimento dos vilavelhenses. Ao se deparar com o muro que cerca a associação é possível ver uma placa maior, com uma logomarca esverdeada, com a ilustração de um importante ponto turístico da cidade em segundo plano e em primeiro plano um personagem puxando um carrinho com materiais. Abaixo, o nome REVIVE. E como uma das primeiras dúvidas que surgiram ao conhecer o campo de atuação: por que REVIVE? No senso comum, segundo o associado Milton, há uma tentativa de desvendar o nome enquanto uma sigla, onde “Re”ciclagem de “Vi”la “Ve”lha expressaria o significado do nome. No entanto a associada presidente, que vivenciou a história da associação, relatou que opinou por esse nome devido ao fato de estarem renascendo pela terceira vez: “(...) REVIVE é de reviver, né? Renascer de novo, recomeçar (...)”. Uma outra articulação pode ser feita com aquilo que Calderoni (2003, p. 52) diz: “trata-se de dar aos descartes uma nova vida. (...) [reciclar] é ‘ressuscitar’ materiais, permitir que outra vez sejam aproveitados”, importante missão assumida por estes trabalhadores.

Ao passar pelo portão da associação, quem a visita percebe um grande volume de materiais dispersos em uma grande área e, à medida em que vai se adentrando por essa região, percebem-se vários associados fazendo a pré-triagem do material. Mais ao fundo, há um galpão, neste também se tem uma área extensa em que os materiais esperam pela triagem fina e/ou prensa, armazenados nos big-bags (sacos de rafia) e alguns associados também trabalham ali, ora

em uma esteira fazendo a triagem fina, ora na prensa. Neste galpão também há o escritório em que são resolvidas as questões administrativas, mais ao fundo, duas salas de reunião, um refeitório, uma cozinha e dois banheiros e vestiários.

Nesta experiência que foi oportunizada na associação, foi possível circular por diversas vezes os cômodos da associação - sempre com boa receptividade. À medida em que a vinculação se construía, o momento de escuta individual se deu em diversos contextos: enquanto alguns associados pré-triavam o material expostos ao sol quente, que ocasionava muitas dores de cabeça; no momento em que uma associada fazia alguma de suas deliciosas receitas na cozinha; ao fim de um dia de trabalho cansativo de outros associados; em um escritório em meio à exaustão de um trabalho administrativo burocrático e desvalorizado; e até mesmo em uma sala de reunião em meio a alguma pausa do trabalho, enquanto tomavam um café ou durante o diálogo ao fim de uma oficina vivencial.

De todas as frentes deste trabalho que fora realizado na associação, segue-se aqui neste relato impressões daquilo que mais atravessou e pareceu relevante à estagiária que produziu este relato. O objetivo, portanto, não é detalhar os encontros, mas provocar reflexões acerca das produções psi diante do vivenciar essa experiência na REVIVE.

Apesar de surgirem questões relacionados ao campo de trabalho durante esses momentos de escuta, o que parece se atualizar como questão ao grupo é a sua relação entre pares e para com a sociedade. Em diversos

relatos, foi confidenciado a dificuldade em dialogar um com o outro, devido a forma com a qual cada um se expressa, e o quanto, também, a forma com a qual os municípios lidam com o seu descarte, precarizando seu trabalho. Tal situação torna o trabalho mais cansativo e até mesmo em alguns dias, produzindo-lhes despotência¹, fazendo-os duvidar em alguma medida do impacto que tem o seu trabalho para o meio ambiente:

Em dado momento, questionei a associada como que ela via o impacto do seu trabalho na Terra, e então ela respondeu: “Hoje, nada. (...) A gente não vê resultado, se fosse algo tão bom assim tinha que ter resultado, né? Você olha assim tantas lagoas aí sendo contaminada, tanta coisa acontecendo... (...) se sente como se fosse uma formiguinha e um monte de gigante (Diário de campo, 16 de outubro de 2019).

No entanto, é percebido que muito dessa despotência¹ se dá também pela ausência de políticas adequadas por parte dos governantes. Alguns associados percebem, muitas vezes, que os governantes só participam de modo ativo em seu trabalho devido à obrigatoriedade imposta pela Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), visando regulamentar como o país lida com o que é descartado. Sendo assim, se considera mais cumprir as exigências principais e pouco se considera em possibilitar melhores condições de trabalho para um público que já é vulnerabilizado de diversas formas pela sociedade. Dentre uma dessas formas, a própria condição da cor de pele pareceu

¹ Pensar a despotência é considerar a compreensão de Deleuze (1976) acerca das forças que coabitam o sujeito: “Em um corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas ativas, as forças inferiores ou dominadas são ditas

reativas (...)” (p.33), são as forças reativas que levam ao sujeito à desmobilização, à sua anulação e de sua força vital.

influenciar em algumas das questões que surgem dentro e fora dos muros da associação.

A cor que REVIVE: diálogos com os associados

A que(m) a Psicologia serve? Se considerarmos a construção do saber em nossa formação desde a academia, perceberemos que esse saber é eurocêntrico, a partir da percepção dos próprios teóricos que nos fundamentamos em nossas práticas, importando um saber que se contextualiza em uma realidade outra àquela que se é expressa aqui no Brasil. Será que esses saberes, como Veiga (2019) pontua, levam em conta o sofrimento psíquico de 54% da população brasileira, que é negra? Não obstante, assim se produz um saber que coloniza, a medida em que não se implica em considerar os efeitos da própria construção histórica do país que ainda produz efeitos do racismo e não são considerados. Sendo assim, não é de se estranhar muito que a mídia represente hegemonicamente psicólogos que atendem a determinada classe social com maior poder aquisitivo e, por consequência, determinada cor também, uma vez que a “pobreza tem cor no Brasil” (CARNEIRO, 2011, p. 57).

Em um destes encontros, uma associada se dedicou a fazer alguns questionamentos acerca de nossa formação, e disse uma frase que em muito me atravessou: “Psicólogo é caro? Nunca vi na novela psicólogo para pobre.” (Svetlana, catadora da REVIVE. Diário de campo, dia 24 de abril de 2019)

Quantas mulheres negras, como Svetlana você lembra de serem representadas em novela sendo atendidas por psicólogos? E quanto às

psicólogas ou psicólogos negros, os quais possibilitam à pacientes negros encontros que potencializam “efeitos subjetivos semelhantes aos dos quilombos construídos por nossos ancestrais” (VEIGA, 2019, p. 248)? Deste modo, a atuação psi precisa se ampliar e escutar esse silenciamento.

(...) Ela falou o quanto não gostava do mesmo [seu nome], por ser estranho, e que ele tem uma origem russa. Neste momento, sua mãe que estava também presente disse: “Viu só? É nome de russo, de gente branca e você está aí achando ruim” (Diário de campo, dia 15 de maio de 2019).

Essa fala, trazida pela mãe da associada Svetlana, expressa uma naturalização do racismo, naturalização esta que é uma das estratégias que delinham as relações de poder se considerarmos a axiomática de segregação subjetiva (GUATTARI & ROLNIK, 1986), que reproduz tais práticas a partir de uma estrutura social, uma vez que o racismo em nosso país é compreendido como “[...] institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país” (NASCIMENTO, 2016, p. 93). Assim, se aproximar da brancura, que seja minimamente pela escolha de um nome, é também se aproximar da tomada de privilégios que estão vigentes no nosso modo de produção de subjetividades: é estar em um padrão de beleza reconhecido pela sociedade (pele clara e cabelo liso), é estar semelhante àqueles que assumem as posições mais influentes financeiramente, é fugir das estatísticas de vitimologia, vulnerabilidade e exclusão.

Aproximar-se da brancura é se incluir, de fato, numa sociedade constituída de negação da própria cor e de suas raízes geográficas, movida por uma condição psicológica de vergonha da cor e auto-ódio (NOBLES, 2009) legitimados, também, pelo Estado.

Seu Joaquim pegou como objeto um cinto que curiosamente ficava batendo-o em suas costas, motivo de brincadeira dos associados que disseram frases como “tá lembrando da escravidão”, “das surras que levava do pai”. (Diário de campo, 21 de agosto de 2019).

No entanto, o se embranquecer é não conseguir se desvencilhar das marcas da história que acompanham a subjetividade de um negro, por mais que se tente. Afinal, considerar o paradigma de inclusão/exclusão desenvolvido anteriormente, nos permite conceber que negros *tornam-se negros*² a partir de uma verdade que é colocada por um outro, por um outro que o afasta e só resta ao sujeito negro a negação do ser negro que, na verdade, é um afastamento da violência que o ser negro lhe causa (FANON, 2008). Violências estas que eram físicas, legalmente aceitas no período da escravidão e ainda marca a história e lembrança do negro como exemplificado no relato anterior, e que hoje ainda se expressam por meio do racismo estrutural que é sustentado pelo necropoder, como já definido por Mbembe (2016).

Em uma atividade realizada em uma das oficinas vivenciais produzidas durante os encontros grupais, os associados se posicionavam dentro de desenhos geométricos previamente delimitados com fita crepe no chão e, à medida em

que o tempo passava, as coordenadoras, de tempos em tempos, iam retirando um desenho por vez, até que todos fossem “obrigados” a ficar juntos e apertados em um único espaço:

Falaram sobre como retirada de espaços, é como as retiradas de oportunidades e de direitos que vem acontecendo principalmente com quem se encontra numa posição mais humilde em relação aos outros (Diário de campo, dia 22 de maio de 2019).

A retirada de espaços, na opinião do associado acima, se assemelha então com o que é vivenciado no cotidiano de muitos sujeitos que dependem de um contexto que lhe proporcione condições mínimas para a subsistência, marca da desigualdade no Brasil garantida pelo plano de miscigenação do mito da democracia racial.

Este mesmo associado, alguns dias depois, fez um relato de grande atravessamento. Falou sobre ter sofrido preconceito ao abrir uma conta no banco para a associação, considerando que tenha sido por ser catador. Suas palavras carregavam surpresa: nunca havia sofrido daquele modo por ser negro, por morar em morro, por ser gordo..., mas sofrera por ser catador. De todas as exclusões que sofre, a exclusão de sua atual profissão lhe causou mais angústia naquele contexto, talvez, por não estar dentro de seu conceito de expectativa, diferentemente do devir favelado, devir negro, devir gordo - os devires menores que o constitui e revelam sua singularidade -, que foi colocado durante todo o seu processo vital

² A autora Neusa Santos Souza publicou em 1983 o livro *Tornar-se negro*, onde descreve o ser negro como uma condição que não é dada, mas sim, um vir a ser que se dá

a partir da tomada de consciência do processo ideológico que atravessa o sujeito.

como seus modos de existir. A tentativa de invisibilização do devir catador provocou uma reação do associado de afirmação, a qual instiga que o outro repense o desqualificar ou desconsiderar sua força. O devir, como Tótorá (2004) afirma, é para inquietar! Não visa trazer respostas, mas sim, possibilitar passagem para as potências:

Todo devir é um devir-minoritário, é traçar uma linha de fuga do padrão ou modelo estabelecido, ou seja, da maioria. Fugir, nesse sentido, não é se recusar à ação e tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação — um experimento-invenção. Criar é começar algo novo, um deslocamento em direção aos fluxos mutáveis. Por isso, uma minoria nunca se deixa sedentarizar e também não constitui um conjunto fechado sobre si; e porque não se deixa fixar, seu movimento está sempre em conexão com outros devires-minorias. (TÓTORA, 2004, p. 242).

Na associação, em algumas vezes foi relatado que o salário que receberam mal chegou a um salário mínimo, em certo mês, tendo recebido cerca de pouco mais da metade de um salário mínimo. Para solucionar a questão, a associação lançou mão de um recurso financeiro que chamam de “décimo terceiro”, que é o somatório de vendas de determinado material durante o ano e que é guardado para ser distribuído ao fim do ano, para que pudessem completar a renda em um valor mais próximo do salário mínimo, para que muitos pudessem pagar suas contas, como o aluguel de suas casas. Certa vez, uma associada mencionou que se não recebessem doações de alimentos de igrejas parceiras, provavelmente naquele mês ela e seus filhos teriam passado fome. Deste

modo, por mais que a associação seja um grande benefício para o município e para os catadores, a ausência de políticas e de direitos trabalhistas voltados para esse público dificulta sua permanência nessa profissão que contribui tão positivamente para a sociedade. Se ser negro já predispõe um sujeito estar à margem da sociedade, ser negro e catador parece predispor ainda mais.

Estatisticamente ao se tratar de catadores e coletores de reciclados, alguns estudos pontuam uma prevalência da população autodeclarada pardo e negra como constitutivos dessa classe de trabalhadores: no estudo de Arantes e Borges (2013), 78,8% de estudados se declararam pardos e negros; já no estudo de Cruvinel et. al. (2017) em um grupo 81% autodeclararam pardos e negros e noutro grupo (com dados advindos do INESC) 73%; já em pesquisa do Ipea à respeito da condição social de catadores (SILVA, GOES & ALVAREZ, 2013), ao levantar dados do Censo 2010 identificando quase 400 mil catadores, mostra que 66,1% dos catadores e catadoras são negros e negras, ou seja, de cada três catadores, dois têm a pele negra – é importante levar em conta que parte da população não entra nessa estatística por morar de modo irregular ou fazer parte da população em situação de rua. Sendo assim, ratifica-se a correlação destes dados com o que é autodeclarado pelos associados da REVIVE.

Assim relatou a associada durante a gravação de sua narrativa: “É educação da mente do povo (...) a cor é uma só! (...) Não tem como eu dizer que sou amarela, não tem como eu dizer que sou parda, não tem como eu dizer que sou branca, eu sou preta! (...) Eu acredito que na minha certidão está dizendo

uma coisa, mas eu decreto para mim mesma que eu sou preta [...]” (Diário de campo, 16 de outubro de 2019).

Diante disso, essas declarações mobilizaram a pensar no quanto que a associação se estabelece como um importante dispositivo de afirmação da negritude e subversão diante daquilo que se é constituído como naturalizado pela sociedade. As oficinas vivenciais que foram realizadas permitiram, portanto, que falas como essa do relato acima circulassem naquele espaço. Como exemplo, em uma das oficinas realizadas sobre o tema de semelhanças e diferenças, emergiram falas sobre a cor de pele e não houve consenso entre os associados acerca da discussão:

Leandro disse que não era “preto” como sua irmã pontuou, que preto era sua munhequeira, revelando ser pardo. Sua irmã contestou e disse que a maioria ali é preto. “Você é preto, você é preto!” Insistia ela, tentando convencê-lo, fazendo o grupo como um todo discutir sobre isso. Kleber comentou por alto que em registro ele era pardo e era quase raro haver registro de negros, mas que preferia ser registrado como negro (...). (Diário de campo, dia 04 de setembro de 2019).

Portanto, tal oficina possibilitou, ainda que não houvesse consenso, que os catadores encontrassem potência em suas falas em um espaço que possibilitou escutar e ser escutado, possibilitou se afirmar. Assim, essas falas permitiram se sentirem ativos e participantes da produção da realidade, mobilizando discursos que em tantos outros espaços, quando não na maioria dos espaços, são silenciados e negados.

Considerações finais

“(…)
Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto
Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.”

Carolina Maria de Jesus – *Muitas fugiam ao me ver* (1996)

Se é que temos o direito de renascer, a REVIVE é a marca da resistência de mulheres e homens que compram, todos os dias, uma luta contra os gigantes. Não é uma luta fácil, afinal, corpos racializados têm seu sofrimento deslegitimado. Deste modo, o aspecto abordado nesse escrito visa repassar algumas das produções que atravessam as catadoras e os catadores negros, servindo como denúncia àquilo que é apagado e, por isso, muitas vezes desconsiderado devido à indiferença sobre os sentimentos que cercam a negritude. Sentimentos estes que são silenciados em nome de um mito que prega a vivência harmônica dos negros em sociedade, quando “sua sobrevivência depende única e exclusivamente da sua predisposição a continuar sangrando com as chibatadas das desigualdades” (SOUZA, 2019, p. 11). Sendo assim, a REVIVE se configura em um espaço potente para lidar com essa realidade, uma vez que sozinhos os catadores tendem a se sentirem menos fortalecidos. Com tanto, a associação se mostra essencial para se criar outros modos de subjetividade e reafirmarem a própria identidade, partindo da ideia de que é por meio das conexões entre negras e

negros é que se constitui o *aquilombamento*³. E é, portanto, unidos que ressignificam a experiência de serem colocados à margem, de serem subalternizados, ainda que não tenham isso tão evidente, pois a colonização perpassa fundamentalmente pelo inconsciente (VEIGA, 2019).

Diante desse espectro cabe ao psicólogo contribuir para o desmantelamento dessa lógica de dominação (CFP, 2017), a qual se sobrepõe desde um sistema de colonização - esta, não só de um território geográfico, mas de um território existencial (VEIGA, 2019). E para tal, o psicólogo deve compreender a ausência de referências negras para o povo preto, uma vez que o plano de miscigenação produziu um apagamento que se atualiza hoje em sofrimento; assim, o psicólogo deve se ferramentar para considerar o contexto e intervir no sentido de não invisibilizar a dor de um negro, mais uma vez. O profissional psicólogo necessita reconsiderar sua clínica, reparar o erro de considerar o negro apenas como um recorte de sua atuação e de importar saberes que aniquilam o existir do negro. Se o outro, como discutido anteriormente, é quem define ao negro qual é o seu lugar pela lógica da inclusão/exclusão, a intervenção na associação de reciclados foi permitir esse espaço de fala e de grito - grito que marca um território (DELEUZE & GUATTARI, 2010), que dá passagem para que vozes negras, os corpos negros, as histórias negras se apresentassem como singulares e como centrais na produção da REVIVE como espaço de lutas e de resistência. Não numa

posição de “dar a voz”, mas de compor paisagens produzindo brechas que permitiram a passagem de intensidades e possibilidades de afirmação e ressignificação de vida. Vidas negras que clamam por visibilidade, por reconhecimento, por lugar na História.

Essa experiência possibilitou compreender o quanto a Psicologia ainda precisa ocupar mais esses espaços, dirigir-se para os diferentes grupos na busca por dialogar com a realidade que, no caso dos negros, é o que comparece à maior parte da população brasileira. Uma psicologia verdadeiramente brasileira, que esteja atenta às demandas que muitas vezes não são aquelas centradas nas práticas de consultório ou restrita aos conhecimentos aprendidos na academia e importados da Europa. Uma psicologia que possibilite o diálogo e a produção de conhecimento entre os próprios sujeitos. É pensando nesses desafios à psicologia que se deve ampliar as possibilidades de intervenção para além das formas tradicionais, atentando-se às produções de enfrentamento ao racismo tão ainda presente no discurso contemporâneo, e em algumas circunstâncias também entre a própria população negra:

Uma minoria nunca define um estado, conjunto numerável, identitário, mas um movimento, um devir. Trata-se de desfazer as formas fixas que identificam indivíduos ou grupos. Abrir-se às forças e linhas do devir que nos atravessam e que não têm princípio nem fim. (TÓTORA, 2004, p. 244).

Sendo assim, é preciso que nossa atuação se ampare pela ordem

³ Termo cunhado em referência aos quilombos, “afinal, um dos primeiros territórios do Brasil a acolher os ditos revoltos, escravos, fugitivos, selvagens, perigosos,

anormais, loucos, prostitutas(os) e alcoólatras, entre outros” (DAVID, 2018, p. 121-2).

do rompimento com o que é tradicionalmente dado, transformar essa condição de minoridade em potência minoritária, subverter a lógica do encarceramento do devir.

Referências

ANDRADE, M. **Macunaíma - o herói sem nenhum caráter**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Itatiaia. 1980.

ARANTES, B.O; BORGES, L.O. Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, UFRJ, v. 65, n. 3, p. 319-337, 2013.

ARAÚJO, W.P; ARAÚJO, E.P; NEVES, S.C.F. A questão racial presente na síntese étnico-cultural do anti-herói Macunaíma. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2010.

BARRETO, L. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática. 1995.

BRASIL. LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010. **Política Nacional de Resíduos Sólidos nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, 2010.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. 4. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCHUSP. p. 25. 2003.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da violência 2019**. Brasília: IPEA/FBSP, 2019. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolen>

[cia/download/19/atlas-da-violencia-2019/](http://www.ipea.gov.br/atlasviolen/cia/download/19/atlas-da-violencia-2019/)>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CHADAREVIAN, P.C. Para medir as desigualdades raciais no mercado de trabalho. **Brazilian Journal of Political Economy**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 283-304, 2011.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: LANE, S.T.M; LANE, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução. **Relações Raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogos/os**, Brasília: CFP, 2017.

CRUVINEL, V. *et al.* **Perfil dos catadores de resíduos sólidos do Distrito Federal: uma análise comparativa entre associações de Ceilândia e Estrutural**. Brasília: Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro, 2017. Disponível em: <[http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_20/Vanessa%20Cruvinel%20e%20outros%20\(5\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_20/Vanessa%20Cruvinel%20e%20outros%20(5).pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

DAVID, E. C. **Saúde mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOMES, H. S. Brancos são maioria em empregos. *In: Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação: levantamento do G1 com base em dados do Ministério do Trabalho mostra quais as ocupações mais frequentes para profissionais brancos e negros.* [S. l.], 14 maio 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, UFMG, v. 9, n. 1, p. 38-47, 2002.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HASENBALG, C. A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. *In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.). Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, p. 235-249, 1996.

HUR, D. U. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2018.

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1972.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101434_info_rmativo.pdf. Acesso em: 13 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Síntese de indicadores sociais. *In: C. IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016a. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Rendimento de todas as fontes 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101673_info_rmativo.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018a. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

LIMA, C. F. Catadores de material reciclável em movimento: trajetória de uma identidade coletiva. *In: Simpósio Lutas Sociais Na América Latina: Trabalhadore(a)s em*

movimento: constituição de um novo proletariado?, 3. , 2008, Londrina.

Anais... Londrina: UEL, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/cristiano_franca_lima.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

LIMA, M. F. **“O mundo negro que viemos mostrar pra você”: as imagens discursivas do negro nas canções de Gilberto Gil.** 2017. 83 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2017.

MAGALHÃES, B. J. Liminaridade e exclusão: caracterização permanente ou transitória das relações entre os catadores e a sociedade brasileira?. *In*: CRISTINA, J. A.; FERNANDA, L. G. (org.). **Catadores de materiais recicláveis : um encontro nacional.** Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 123- 150. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/imagens/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

MARTINS, T. C. S. Determinações do racismo no mercado de trabalho: implicações na “questão social” Brasileira. **Temporalis**, UFES, v. 14, n. 28, p. 113-132, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5010758/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte e ensaios**, UFRJ, v. 2, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Classificação Brasileira de Ocupações, 2014. Disponível em: <<http://www.mnrc.org.br/biblioteca/legislacao/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo/>> Acesso em 13 de nov. 2019.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo.** São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOBLES, W. W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 1 dez. 2019.

ROLNIK, S. Toxicômanos de Identidade: subjetividade em tempo de globalização. *In*: LINS, D. (org.). **Cultura e Subjetividade:**

saberes nômades. São Paulo: Papyrus, 1997.

SAWAIA, B. Identidade: uma ideologia separatista?. *In*: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999b. p. 119-127.

SAWAIA, B. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa?. *In*: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999a. p. 7- 13.

SILVA, C. C. **Canaã e triste fim de Policarpo Quaresma: dois momentos de representações do negro no Brasil**. 2009. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8767/>>. Acesso em: 14 nov. 2019

SILVA, S. P., GOES, F. L. & ALVAREZ, A. R. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasília: Ipea. 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/imagens/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em 14 de nov. 2019.

SOUZA, L. F. M. Uma questão de cor: mulheres negras, representações e afetividade. **XV ENECULT**, [s. l.], v. 1, 2019. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111726.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

STERCHILE, S. P. W.; BATISTA, A. O espaço da cooperativa "amigos do meio ambiente": cooperativa de trabalho ou cooperfraude?. **Serviço Social & Sociedade**, [s. l.], n. 6, p. 314-

334, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n106/n106a07.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

TÓTORA, S. M. C. Devires minoritários: um incômodo. **Verve: Revista Semestral do NU-SOL**, Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, n. 6, p. 229-246, 2004.

VASCONCELOS, E. M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias**. São Paulo: Paulus, 2003.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, p. 244-248, 2019.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2016: homicídios por arma de fogo**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2016. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

ZAMORA, M. H. Os corpos da vida nua: sobreviventes ou resistentes?. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology On Line**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 104-117, 2008.